

MICHEL SLEIMAN

A metalinguagem da fraternidade de *Shem Tov*

Zipora Rubinstein (1946-89), a amiga com nome de “pássaro” (*Tzipor*) como bem lembrou um seu “aluno” especial de hebraico, deixou-nos com seu “vôo” até a Espanha medieval um raro e delicado rastro de erudição e sensibilidade. *Shem Tov de Carrión: um Elo entre Três Culturas*, originalmente sua dissertação de mestrado na USP, é um último labor, um “resto de vida” marcada pelo esforço característico do apaixonado.

Em 1977, depois de ter cursado as disciplinas do curso de pós-graduação na Universidade Hebraica de Jerusalém, onde pela primeira vez entra em contato com a obra de Shem Tov (Sem Tob ou Don Santob de Carrión), Zipora volta ao Brasil devido a problemas familiares, interrompendo as suas pesquisas. Mais tarde, começa a administrar cursos de língua e cultura hebraicas na USP e na Unicamp e, em parceria com Jacó Guinsburg, realiza uma série de traduções de literatura hebraica para a revista *Shalom*, além de trabalhar na coordenação de *A Moderna Literatura Hebraica e suas Correntes*, de A. Shaanan, publicado pelo CEJ em 1980. Só então Zipora retoma seu projeto de estudar e traduzir ao português o *Debate entre o Cálamo e a Tesoura*, clássico da literatura espanhola medieval. Tese inacabada, mas não por isso incompleta, o ensaio sobre Shem Tov de Carrión resulta como uma homenagem a todos aqueles para quem a pesquisa e a ciência se fazem com a medida desmedida de entrega.

Acertadamente, o título do ensaio alude a um elo entre árabes, judeus e cristãos, patrocinado pela voz pessoal e coletiva de Sem Tob. A obra do poeta por si só se encarrega de fazer esse elo: o trilingüe da Castela do século XIV é autor dos *Proverbios Morales*, em língua castelhana, de uma versão hebraica (*Mitzvot Zemaniyot: Preceitos Periódicos*) da

MOISÉS
APRESENTA A
TORÁ AOS
ISRAELITAS NO
MONTE SINAI
(MINIATURA DO
MANUSCRITO
HAGADAH DE
SARAJEVO,
ESPAÑHOL)



de Carrión

O cálamo e a tesoura nas asas de Tzipor

prosa litúrgica em árabe de Israel Israeli, de Toledo, além das obras em hebraico: um *Viduy* (*Confissão*, poema litúrgico), *Yam Kohelet* (*O Mar de Eclesiastes*, também um poema litúrgico) e de *A História do Rab Sem Tob ben Itzhak Arduziel* ou *Debate entre o Cálamo e a Tesoura* (*Mil'hemet ha-Et ve-ha-Misparaim*), texto traduzido por Zipora.

Como muito do que se refere à Idade Média, pouco se sabe da vida de Sem Tob. Provavelmente foi um funcionário da administração da comunidade judaica, ou talvez um funcionário real; parece, ao que tudo indica, que viveu no período da perseguição aos judeus durante o reinado de Afonso XI; sabia o árabe, manejava bem o castelhano, e o hebraico por certo, e tinha conhecimentos de astrologia, filosofia e matemática.

A sua *maqama* sobre o debate entre o cálamo e a tesoura foi legada à modernidade através de dois manuscritos perdidos. De um deles resta uma fotocópia, a partir da qual se tem a edição mais atualizada (1980), feita por Nini e Fruchtman, e tomada como base agora aos estudos de Rubinstein. A tradutora do *Debate* optou pela proximidade lexical, priorizando o sentido e o conteúdo em detrimento das formas estilísticas. Contudo, o leitor tem a oportunidade de conferir, no posfácio assinado por Haroldo de Campos, uma pequena transcrição de um acróstico de Sem Tob, que bem pode dar uma idéia do estilo e do seu valor estético.

A tradução do *Debate entre o Cálamo e a Tesoura* culmina o ensaio de Zipora. A sintaxe fluida na reconstrução dos contextos histórico e literário e a análise comedida proporcionam um roteiro tão sintético quanto objetivo da história da poesia hebraica na Espanha até o século XIV e das suas relações com as líricas árabe-islâmica e européia-cristã.

MICHEL SLEIMAN é pós-graduando em Língua e Literatura Espanholas pela USP.

Shem Tov de Carrión: um Elo entre Três Culturas, de Zipora Rubinstein, São Paulo, Edusp, 1993.

Essencialmente, a autora segue o percurso da evolução da poesia hebraica profana, desde as primeiras incorporações estéticas do verso árabe, como a adoção do metro quantitativo e da monorrimia, até as ampliações exercidas pelos poetas hispano-hebraicos na estrutura e na orientação moral das *maqamas* clássicas do modelo árabe. Segundo afirma a autora, a partir do século X, começou-se a adotar na Península o estilo bíblico como estilo literário, por influência do cultivo, por parte dos árabes, da língua e da linguagem do *Alcorão*, considerado por eles o exemplo supremo do estilo árabe, o modelo que estava acima de qualquer crítica e que se impunha como padrão estético a ser imitado pelos escritores e poetas. “Provavelmente por uma questão de religião, e devido ao desejo de manter sua identidade cultural e nacional”, deduz a autora, os judeus não adotaram o seu modelo lingüístico; contudo, mudaram sua atitude diante da *Bíblia*, passando a reconhecê-la também como obra literária de alto valor e um símbolo estético.

Quando Sem Tob no século XIV escreve a sua *maqama*, o gênero, inicialmente árabe, estava plenamente assimilado pela literatura hebraica, constituindo já o elemento andaluz. Contudo, o modelo clássico da *maqama* continuava sendo o árabe. É precisamente aqui que entra a inovação de Shem Tov de Carrión.

A época do poeta, contrastando com o período clássico sob os Reinos de Taifas (séculos XI e XII) árabes, caracteriza-se pelo epigonismo e pela decadência da Idade de Ouro da poesia hebraica sob o domínio cristão. Se aquela época orientou-se pelo servilismo aos modelos árabes, agora tinha vez o entrecruzamento das culturas andaluza (hebraico-árabe) e cristã. A partir do século XII, com a implantação da Escola de Tradutores de Toledo, os sábios judeus passaram a mediar as culturas árabe, cristã e judaica, atuando, segundo alguns estudiosos, como verdadeiros mentores da “era afonsina” e do ideal de verter o conhecimento árabe e hebraico ao castelhano, a língua “nacional” do judeu-espanhol. Como resultado da decadência dos modelos clássicos, a inovação maior vai-se observar na *maqama* hebraica, gênero característico da prosa rimada intercalada de poemas metrificados, de estilo brilhante definido pela pirrotécnica lingüís-

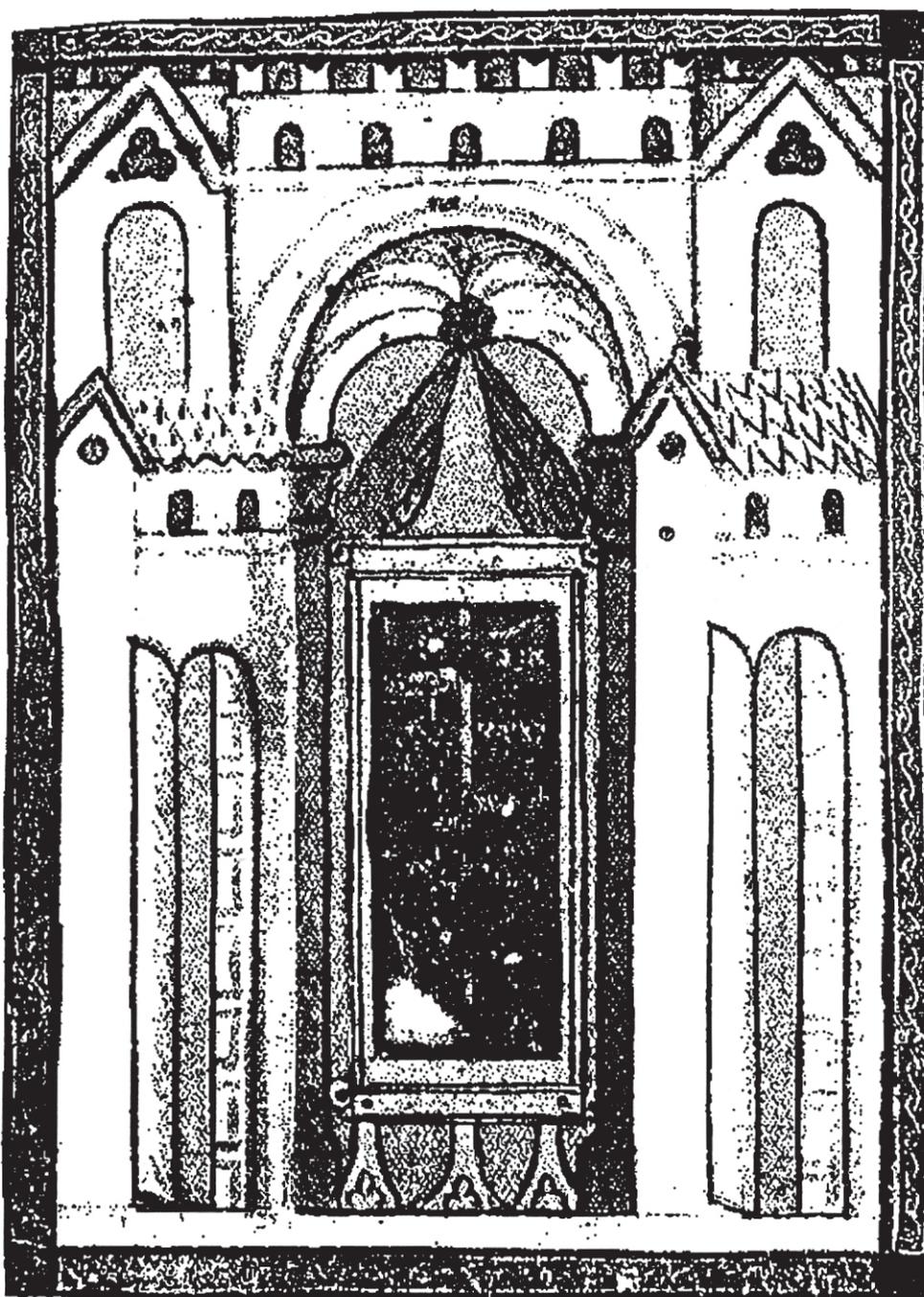
tica e pela linguagem figurativa e complexa. Na sua maioria, as *maqamas* hebraicas seguem outros modelos que não o clássico árabe, ou mesmo inventam um modelo próprio, resultando numa diversidade de temas, cenários e técnicas narrativas.

Shem Tov de Carrión é não só o maior representante desta época como o símbolo da síntese das culturas árabe, cristã e hebraica. A sua *maqama*, o *Debate entre o Cálamo e a Tesoura*, trabalha com o elemento cristão (provençal ou catalão), o judaico (referências e citações bíblicas) e islâmico (o gênero propriamente dito e suas implicações estruturais). Funcionando como um intertexto, o *Debate* se refere a outro texto, ou, pelas palavras da autora, “a uma série de textos, como o debate árabe entre a pena e a espada, o debate provençal entre dono e objeto possuído, a *maqama* árabe e judaica, a poesia hebraica de louvor à pena e à poesia, a poesia sobre a escrita com tesoura e à própria *Bíblia*, o que o caracteriza mais distintamente como paródia e um imenso intertexto”.

Ora, é precisamente o caráter parodístico que confere ao *Debate* de Sem Tob o meio pelo qual se firma a mais forte intenção desse texto: a Tesoura, parodiando a violenta e guerreira Espada da *maqama* clássica, tomada por seu aspecto simples, e mesmo vil (uma vez que serve para cortar as unhas), está longe da nobreza e da fulminância da espada clássica “bebedora de sangue”; o juiz que soluciona o debate no final é um homem pobre, porém sabio - paródia clara do dignatário rico e poderoso, mas não necessariamente um erudito; o narrador é o próprio autor que ora testemunha a ação da *maqama*, ora participa dela, assumindo o papel de autor-narrador, declaradamente um personagem poeta.

Aqui e ali, o texto de Shem Tov, na análise de Zipora Rubinstein, vai abrindo os seus signos à leitura da modernidade: o *Debate* não é uma alegoria da situação sociopolítica de sua época, ele é, antes de tudo, uma atualização do espírito judeu-espanhol e uma dramatização mais acertada do seu modo de pensar, tipicamente ibérico.

A paródia é o desejo de, com o Cálamo, dissertar sobre a plena confiança do poeta no poder das palavras, bem como sobre o orgulho que tinha do seu ofício: ele divertia, encantava, instrua, persuadia, assim como feria e humilhava. Por outro lado, com a



REPRESENTAÇÃO
DO TEMPLO DE
JERUSALÉM,
ENCONTRADA
NO MANUSCRITO
HAGADAH DE
SARAJEVO - MUSEU
NACIONAL DA
BÓSNIA-
HERZEGOVINA,
SARAJEVO

Espada, o poeta intima para a fraternidade, baseando-se na idéia da Tesoura como objeto formado de duas partes unidas, que trabalham em colaboração e harmonia: “São gêmeos (...) um ajudará ao outro e lhe dirá: força! Dois ginetes atados que serão um”. Com o Cálamo, ele reafirma as qualidades da palavra como instrutora e amiga do saber e do entretenimento e, assim, da Tradição. Com o juiz, transfere para o homem comum e, portanto, não somente o governante, a sabedoria do julgamento, como um afrou-

xamento talvez da aristocracia cortesã; e, enfim, com o narrador-personagem, reafirma a sua qualidade do poeta de efetivamente nomear o mundo medieval, como assim se acreditava.

Zipora, a “gazela ferida” na expressão de Jorge Schwartz, o editor do ensaio bem como o seu orientador no mestrado, interrompeu aqui o seu projeto de vida, mas certamente deixou no rastro de suas asas de pássaro *Tzipor* uma trilha a ser seguida e continuada.